

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano II — Números 20-21

Agosto-Setembro de 1964

RESPONSABILIDADE MISSIONÁRIA DAS IGREJAS EM PAÍS DE MISSÃO

Desde o início da sua existência, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem sido uma Igreja missionária. Organizada a Conferência Geral em 1863, logo onze anos depois foi enviado o primeiro missionário, na pessoa de John N. Andrews, que abriu o trabalho regular na Europa. Outros continentes em breve se tornaram objecto do interesse dos dirigentes deste Movimento. Diferente de outras denominações que concentram apenas nalguns locais o seu esforço missionário, a Igreja Adventista, pela própria razão de ser da sua existência, considera o Mundo inteiro como campo da sua actividade e, na realidade, os seus representantes encontram-se dispersos por todos os recantos do orbe. Pode dizer-se que, tendo em conta o número de seus membros, nenhuma organização religiosa dispense comparativamente tão grande esforço financeiro nem empregue tão elevado número de obreiros no trabalho missionário.

É graças a este espírito que surgiu em Angola a Igreja Adventista. Alguém se sacrificou para que aqui existíssemos; alguém se está sacrificando para que possamos subsistir e desenvolver-nos.

Se é importante manifestarmos gratidão pelo que outros fizeram e estão fazendo em nosso favor, não é menos importante estarmos alerta para os perigos que esta situação oferece.

Com efeito, logo que uma igreja surge impende sobre ela o dever missionário. Desde o seu nascimento, a ela se dirigem as palavras do Mestre: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura.»

É uma verdade fundamental que «todo o verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário». — O Desejado de Todas as Nações, pág. 138.

A este propósito são dignas de meditação as seguintes palavras: «Muitos pensam que o espírito missionário, a habilitação para a obra missionária, é um dom ou dotação especial concedido aos ministros e alguns poucos membros da igreja, e que todos os outros devem ser meros espectadores. Nunca houve erro maior. Todo o verdadeiro cristão possuirá espírito missionário; pois ser cristão é ser semelhante a Cristo. Ninguém vive para si mesmo, e se alguém não tem o espírito de Cristo, esse tal não é d'Ele. Rom. 8:9. Todo aquele que tem experimentado as virtudes do mundo por vir, seja ele jovem ou velho, instruído ou iletrado, será movido pelo espírito que actuou em Cristo. O primeiro impulso do coração regenerado é levar outros também ao Salvador. Os que não possuem este desejo, dão provas de haver perdido o primeiro amor; devem examinar rigorosamente o coração à luz da Palavra de Deus, e procurar um novo baptismo do Espírito de Cristo; devem orar por mais profunda compreensão daquele assombroso amor que Jesus mani-

A Igreja Remanescente

por Alberto F. Raposo

Lemos no livro do profeta Amós que «certamente o Senhor não fará coisa alguma, sem ter revelado o Seu segredo aos Seus servos, os profetas». Amós 3:7.

A palavra «segredo» é traduzida do termo hebraico «sob», que significa «deliberação tomada em conselho», e neste caso, o conselho de Deus. Portanto, Deus não executará os Seus decretos, ou deliberações referentes a este mundo, sem ter primeiro avisado os interessados, ou seja os indivíduos e as nações.

Foi assim que sucedeu com o mundo antediluviano. Do meio da grande apostasia geral, Deus chamou a Noé e encarregou-o de proclamar a mensagem do dilúvio durante 120 anos. E o dilúvio não veio sem que primeiro o mundo tivesse sido avisado.

O mesmo aconteceu com a saída do povo de Israel do Egípto. Deus havia anteriormente anunciado a Abraão que essa saída só se daria 430 anos depois do princípio das suas peregrinações, ao sair de Ur dos Caldeus, e foi precisa-

mente na data indicada que se cumpriu a profecia.

Como lemos: «E aconteceu que, passados os quatrocentos e trinta anos, *naquele* mesmo dia, todos os exércitos do Senhor saíram da terra do Egípto». Exodo 12:41.

E por intermédio de quem? No seu devido tempo, Deus chamou a Moisés, por quem executou o Seu plano anteriormente anunciado *sem falhar um dia*.

Verificamos, igualmente, através dos séculos, que foi sempre esse o procedimento de Deus para com os homens, fazendo anunciar o surgimento e queda dos impérios, a deportação do Seu povo para as terras do cativo e seu regresso, e, especialmente a vinda do Messias, indicando o tempo e os principais acontecimentos relacionados com a vinda do Salvador.

E agora perguntamos: quanto à segunda vinda de Cristo? Será esse acontecimento, em relação aos outros, tão pouco importante, que não necessite da obra de um profeta? Vai o mundo ser destruído sem primeiro ter sido avisado, e a Igreja permanecer na ignorância e incerteza a seu respeito? Não encontrará Cristo o Seu povo avisado e preparado pelo Espírito de Profecia para O receber? Sem dúvida alguma Deus é o mesmo hoje, e também os Seus processos são os mesmos.

Verificamos precisamente que no fim dos 2.300 anos, no «tempo do fim», da profecia do profeta (Daniel 8:14), Deus também chamou alguém a quem confiou a Sua última e solene mensagem de reforma, misericórdia e advertência a este mundo rebelde e, quer os homens queiram quer não, a sua vasta obra está lá para o testificar.

Assim como outrora a Moisés, para provar ao seu povo que Deus o enviara, lhe fora concedido o poder de operar milagres superiores aos dos magos que agiam pelos demónios, assim, nos nossos dias, Ellen G. White provou a autenticidade do seu chamado divino pe-

festou por nós em deixar o reino da glória e vir a um mundo caído para salvar os perdidos.» — Testemunhos Selectos, vol. II, págs. 126, 127.

As igrejas em país de missão correm o risco de se concentrarem em si mesmas, limitando-se a ser recipientes do desinteressado espírito de sacrifício dos seus irmãos de outras terras. Necessitam de captar a visão missionária que os leve a interessar-se pelas restantes igrejas e campos ainda por abrir do próprio país e pela expansão da Mensagem em todo o mundo.

É importante que não sejam como o Mar Morto, que é morto porque só recebe e nada dá.

E. Ferreira

la natureza sobrenatural das suas visões. Pôde-se verificar serem elas perfeitamente idênticas às dos profetas da Bíblia, quer na ausência absoluta de respiração durante as visões, embora elas se prolongassem, por vezes, durante horas seguidas, e ao mesmo tempo falando em voz alta; quer no absoluto alheamento ao que se passava em torno de si, além doutros fenómenos sobrenaturais.

Também a sua mensagem, livre das tradições humanas, em perfeita harmonia com o que está escrito na Palavra de Deus, responde integralmente à seguinte regra bíblica fundamental: «À Lei e ao Testemunho!»

O Movimento Adventista do Sétimo Dia apareceu justamente no tempo devido e foi organizado segundo as instruções do Espírito de Profecia, manifestado nestes últimos tempos nas visões de Ellen G. White, e está indubitavelmente cumprindo a profecia como *Igreja Remanescente*, podendo ser reconhecida pelas características seguintes:

1. Guarda os mandamentos de Deus, e, particularmente, o mandamento que ordena a santificação do sábado de Deus, o sétimo dia da semana, o memorial da Criação, que a igreja abandonou, profana e fez esquecer, e responde religiosamente à admoestação de Deus dirigida aos nossos dias, dizendo: «Se desviares o teu pé do Sábado, e de fazer a tua vontade no *Meu Santo Dia* e se chamares ao sábado deleitoso, e *Santo Dia do Senhor*, digno de honreres não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no Senhor». «Bem-aventurado o homem que fizer isto e o filho do homem que lançar mão disto, e se *guarda de profanar o Sábado*». Isaías 58:13 e 14; 56:2.

2. Tem consigo o Espírito de Profecia, conforme está escrito: «Guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo... porque o testemunho de Jesus é o Espírito de Profecia». Apocalipse 12:17; 19:10.

3. Proclama em todo o mundo a iminência da volta de Cristo, sendo, por-

tanto, a sua obra de carácter mundial, de harmonia com a declaração profética do Salvador, registrada em S. Mateus 24:14.

4. Anuncia e ensina em todo o mundo o Evangelho Eterno, tal como fora dado pelo seu Fundador, livre de todas as inovações humanas e isto «aos que habitam sobre a Terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória; *Porque vinda é a hora do Seu Juízo*. E adorai Aquele que fez o céu e a Terra e o mar e as fontes das águas». Apocalipse 14:6 e 7.

5. Particularmente, adverte os homens da parte de Deus contra a substituição do sinal de Deus (o Sábado: Ezequiel 30:20) pelo sinal da besta (o dia estabelecido em seu lugar pela autoridade humana) e que, embora esclarecidos, os homens teimarão impor finalmente à humanidade (Apocalipse 13:16 e 17), sendo esta a solene advertência: «Se alguém adorar a besta e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa (a mente), ou na sua mão, (o apoio), também o tal beberá do vinho da ira de Deus que se deitou, não misturado, no cálix da Sua ira». Apoc. 14:9-10.

6. Entre as muitas verdades, lançadas por terra pela apostasia e que devem ser erguidas perante o mundo, sustenta a importante doutrina da imortalidade condicional em Cristo e não da imortalidade inalienável da alma, porque os mortos «não sabem coisa nenhuma» (Ecles. 9:5) e não têm existência entre a morte e a ressurreição, tendo por isso necessidade de serem ressuscitados para poderem receber a recompensa da vida eterna ou o castigo para a segunda morte, conforme disse o Salvador: «Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão no sepulcro ouvirão a a Sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação». S. João 5:28 e 29.

7. Finalmente, na Igreja Remanescente, todos os que em toda a parte do mundo se têm reunido por amarem a verdade e a vinda de Cristo, e se pre-

Continua na pág. 16

Primícias da Terra Prometida

Não se trata evidentemente neste artigo de frutos do Paraíso, que tivéssemos tido o privilégio de provar antes dos nossos leitores, mas do antigo país de Abraão, cujos descendentes actuais povoam o admirável país da Bíblia. Dúvido que exista outro campo de actividade evangélica tão interessante como este. A proclamação da mensagem de Cristo exige por toda a parte, no mundo moderno, grandes esforços e uma prudência extrema, mas em parte nenhuma mais do que em Israel. Aconselho a todo o que não esteja satisfeito com a sua experiência espiritual ou com os seus conhecimentos religiosos a vir fazer uma estadia em Israel; não deixará certamente de ver abrir-se perante si horizontes inesperados.

Um dia, ao regressar da Galileia onde tinha tido o privilégio de baptizar duas almas, nas águas do Jordão, encontrei em casa uma carta que reteve toda a minha atenção. Seu autor desejava entrar em relações com a nossa igreja. Fui imediatamente procurá-lo. Ele residia em Megido, por onde o Papa, efectuando a sua peregrinação na Terra Santa, entrava em Israel nesse momento. Paulo VI era o terceiro papa que eu tinha ocasião de ver pessoalmente. Todavia, meu encontro com o autor da carta teve para mim muito mais interesse do que os actos e gestos do papa. «Ao ler a minha Bíblia, me disse esse homem, achei o Messias (João 1:41). Depois de ter compreendido as profecias relativas à 'bem-aventurada esperança de Israel', pus-me à procura da Igreja que pratica todos os ensinamentos das Santas Escrituras. Comecei por ir à igreja mais próxima daqui, a de Monte Tabor (onde Jesus foi transfigurado), mas não achei ali o que procurava. Então prossegui a minha busca da verdade visitando sucessivamente os condutores espirituais de numerosas igrejas de Nazaré. Finalmente o pastor da Igreja Baptista disse-me: «Possuímos todos uma parte da verdade. Só os adventistas do Sétimo Dia observam

tudo o que ordenam as Escrituras. Depois de ter feito esta declaração, ele deu-me o vosso endereço, e foi assim que eu tive a felicidade de falar com um pastor adventista».

Este homem fez-me pensar em Cornélio de Cesareia (Actos 10:1-5). Ele chorava de alegria, diante de sua esposa e de seus dois filhos, porque tinha chegado a entrar em contacto com os mensageiros da «Boa Nova». Louvado seja o Deus de Israel, pelo Seu imenso amor!

Noutra ocasião, quando eu voltava de uma visita aos lugares santos da Jordânia, encontrei em casa uma de nossas irmãs na fé. Durante cinco meses tínhamos perdido todo o contacto com ela. Nem sequer conhecíamos o seu endereço. Quando o seu marido soube que ela se tinha baptizado, expulsou-a de casa e pediu o divórcio ao Rabinado de Jerusalém. Em seguida, ele veio, durante o culto de Sábado, fazer um verdadeiro escândalo em nossa Igreja. Chegou mesmo a escrever várias cartas com ameaças ao pastor. De acordo com os deveres do meu cargo, ocupei-me dela e coloquei-a junto de uma amável irmã de nossa Igreja. Mas, dois dias depois, receando que a sua presença nos atraísse novos aborrecimentos, ela tinha desaparecido sem deixar vestígios. Sentime verdadeiramente feliz por a voltar a ver, porque não tínhamos cessado de orar por ela. Sua situação era particularmente difícil, mas o Senhor não a tinha esquecido. No próprio dia do seu divórcio, recebeu do governo alemão, no quadro das reparações, uma dotação de 7.000 dólares pelas alterações infligidas à sua saúde durante a última guerra mundial. Ela entregou-me com alegria 700 dólares de dizimo, declarando que era agora livre e que nada a poderia separar de Cristo e da Sua igreja (Rom. 8:37-39).

Não pude deixar de fazer uma aproximação entre o caso desta irmã e o da última pessoa que baptizei na África

Continua na pág. 19

Se tens dívidas, dá o dízimo

Se alguém me desse dinheiro, e não pudesse pagar-me por ter uma vida cheia de dificuldades e muito pouca probabilidade de ver a sua vida mudar, eu procuraria, a todo o custo, persuadi-lo a dar o dízimo ao Senhor. Confiadamente creio que, se eu pudesse induzi-lo a dar o dízimo do que ganha, quer dizer, pagar a décima parte do ganho ao Senhor, mais tarde ou mais cedo ele me pagaria também cada centavo que me desse porque ele prosperaria.

O acto de dar o dízimo resolveu problemas financeiros muito sérios para mim, e ao mesmo tempo trouxe-me bênçãos espirituais que sobrepujaram o ganho material.

Quando comecei a dar o dízimo, há vinte e dois anos, estava desesperadamente endividado. A miséria lançou-me profundamente no desespero, e quando procurei sair dela, desgraça após desgraça cairam sobre mim e senti-me como uma rã que procura sair de um poço. Quando saltava dois pés caía três. Era terrivelmente desesperada a minha situação, e eu tinha já perdido a esperança de poder sair da lama das minhas dívidas quando fui persuadido a dar (melhor, pagar) o dízimo ao Senhor.

Ao primeiro desafio quase sorri; parecia-me tão ridículo pensar nisso! Porque hei-de fazê-lo? — perguntei. Seria desonesto para mim «dar» alguma parte do meu ordenado para a igreja quando devia dinheiro áqueles que tinham confiado em mim; antes de dar dinheiro precisava de pagar as minhas dívidas. Mas fiquei perturbado, pois era cristão e sabia que dar o dízimo estava conforme à Palavra de Deus. A Bíblia ensina que uma décima parte pertence a Deus.

De modo que orei para receber luz e compreensão acerca do que realmente era o meu dever fazer nas circunstâncias «peculiares» em que me encontrava. Então veio a mim o primeiro facto: O Senhor era o meu primeiro credor. Se algum credor devia ter preferência, seria Ele. Certamente Ele tinha a primeira pretensão sobre mim.

Depois olhei para Malaquias 3:10, e vi Deus dizer que, se eu confiasse n'Ele dando-Lhe o dízimo, Ele abriria as janelas do Céu e derramaria uma tal bênção que não haveria lugar bastante para a receber. Assim decidi começar a dar o dízimo e firmei o propósito com Malaquias 3:10.

No mês seguinte ao receber o meu ordenado tirei a décima parte para a Obra do Senhor. Durante os dois primeiros meses foi bastante difícil e tive de orar mais fervorosamente do que que nunca e agarrar-me a Malaquias 3:10. Parecia-me que Deus tinha fechado as janelas do Céu, mas tomei ânimo e continuei. Fazia as minhas contas fielmente para estar seguro de que estava em harmonia com Deus, até nos centavos. Depois as coisas sucederam. Encontrei caminhos para ganhar dinheiro — caminhos acerca dos quais nunca tinha sonhado. E mais ainda, inesperadamente, o meu ordenado foi aumentado. Não tenho lugar aqui para relatar os diferentes meios que de repente apareceram para ganhar dinheiro. Gostava de poder contar-vos isto alguma vez cara a cara, pois é como um dos mais interessantes romances.

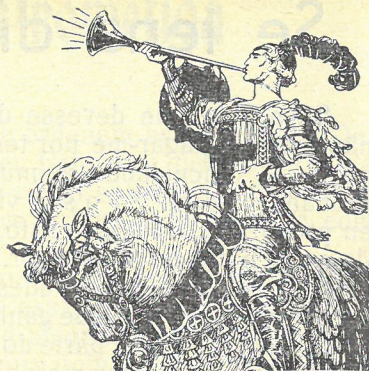
Em menos de um ano paguei as dívidas e pude comprar a minha própria casa. Até então tinha vivido numa casa alugada. Poupei alguma coisa para uma eventual necessidade na velhice. Tudo era maravilhoso mas a maior alegria foi poder dispensar o «dízimo do Senhor». Cresceu muito mais do que a décima parte — aumentou mais do que duas vezes.

Antigamente rangia os dentes ao ouvir algum sermão missionário ou algum apelo de dinheiro para a beneficência — eu estava tão desesperadamente endividado! Mas agora regozijo-me porque sei que cada chamada clara é do Senhor para a Sua Obra, porque sempre há alguma coisa na Tesouraria do Senhor para dar e sou o Seu servo no qual Ele confia para distribuí-la.

Oh, como eu desejava que alguém

Continua na pág. 16

Página _____
_____ da _____
_____ Juventude



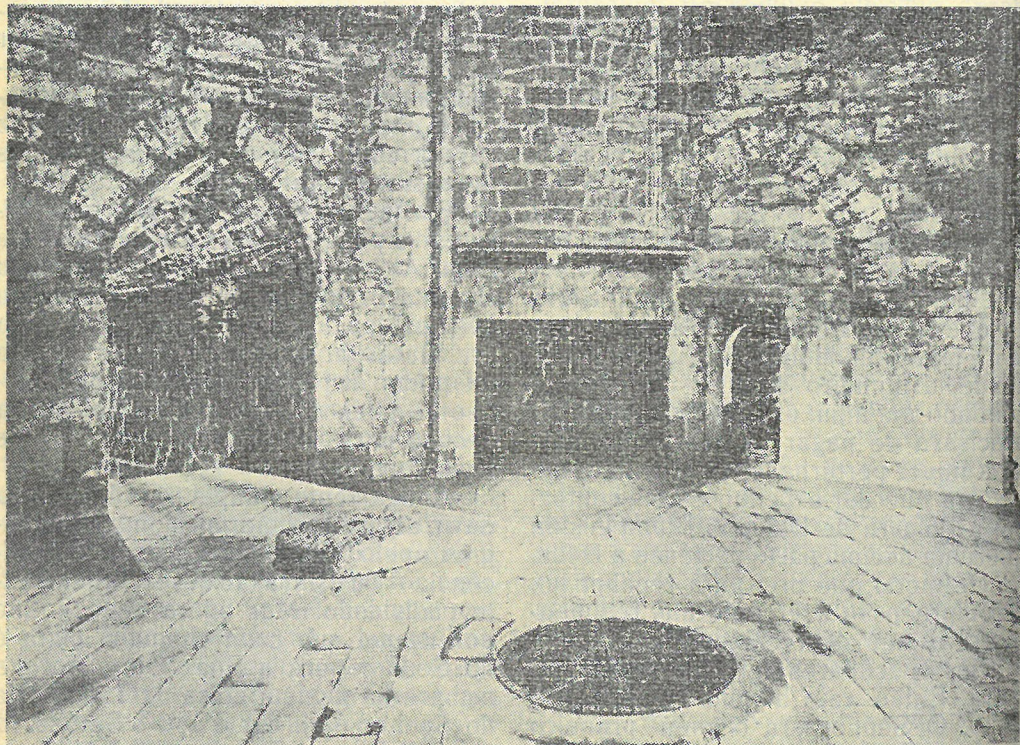
Maria Durand, a jovem fiel

por Daniel Walther

A França meridional, que os trovadores medievais afectuosamente chamavam *doce França*, foi durante séculos o palco de alguns dos mais sangüinolentos acontecimentos na história da Igreja cristã. Uma área do sudoeste testemunhou um importante aconteci-

mento em que uma população inteira, os Albigenses, foi extinta pela Inquisição.

Esta área é o Languedoc, região pouco visitada hoje por turistas que procuram excitações novas. Todavia o Languedoc é uma região tipicamente



Numa das lages que circundam o fosso que se vê no centro da gravura e que está actualmente protegida por um vidro, ainda se pode ler a palavra *Resister* aí gravada por Maria Durand



As condições na prisão da Torre eram tão desumanas que simpatizantes de outros países tentaram aliviar a situação dos prisioneiros

provincial com um panorama extraordinariamente belo. O seu nome vem das palavras *língua de oc* ou em francês, *langue d'oc*. Nessa região a palavra latina para «sim» era *hoc* ou *oc*.

Viajando de carro de sudoeste de Avinhão para a Costa do Mediterrâneo passais por uma região pantanosa. A Camargue é uma colorida manta de retalhos de água e terra. As águas em muitos sítios são paradas. É por isso que a cidade no sector meridional dessa pantanosa região se chama Águas Mortas, ou *Aigues Mortes*.

Esta é a cidade onde Maria Durand foi encarcerada. Esta jovem heroína passaria os melhores anos da sua mocidade e idade adulta na prisão por querer conservar a sua fé em Jesus. Esta cidade foi construída na Idade Média e nada alterou o aspecto de suas muralhas. Foi edificada pelo rei Luís IX, mais conhecido por S. Luís

A fortaleza de Aigues-Mortes foi edificada para protecção contra os piratas do Mediterrâneo. Mesmo hoje não é de fácil acesso.

Fazendo parte de Languedoc, tinha uma curiosa história. Ao passo que o resto da província aceitou a fé protestante no período da Reforma, esta cidade permaneceu como uma isolada fortaleza católica. Mas por volta de 1575

cedeu e tornou-se igualmente uma cidade huguenote. Era uma das «cidades», gozando da garantia do Edicto de Nantes, aquele tratado de 1598, que a si próprio se qualificava de «perpétuo e irrevogável», e que deu à França a maior liberdade religiosa desfrutada por qualquer país daquele tempo.

Oitenta e sete anos depois o rei Luís XIV revogou o tratado e destruiu todos os vestígios de liberdade religiosa.

Os chamados missionários espereados, os dragões militares, aterrorizaram e perseguiram as populações protestantes, com o objectivo de as fazer voltar à fé católica. Muitos protestantes foram aprisionados na cidade de Aigues-Mortes na terrível torre redonda, então chamada a Torre da Rainha, e mais tarde a Torre de Constança. E assim alguns huguenotes que não conseguiram fugir do país foram lançados nessa terrível prisão, que se tornou uma das mais horrorosas prisões para vítimas religiosas.

As paredes da prisão, inteiramente rodeadas por uma profunda e sombria fossa cheia de água, têm cerca de 6 metros de espessura. Há apenas duas divisões, uma por cima da outra. A inferior era destinada às mulheres e a superior aos homens. Por vezes, toda a prisão era reservada a presos do sexo feminino. Nessa prisão podeis ainda ver a palavra *Résister* («resistir»), gravada numas das pedras por Maria Durand.

Depois de 1720 houve várias dúzias de presos huguenotes na torre, e o que eles sofreram jamais será plenamente conhecido. Na prisão uma opressiva humidade fazia com que tudo apodrecesse. Frios ventos do Inverno sopravam através das estreitas aberturas. No Verão, insectos, especialmente mosqui-

tos causadores de febre, enxameavam vindos dos pântanos vizinhos. «Mobiliário?» Havia um banco, alguns sacos de palha, e algumas tábuas para proteger parcialmente do vento e da chuva. De tempos a tempos chegavam novos prisioneiros àquele lugar que era conhecido em toda a Europa como uma desumana prisão; simpatizantes de vários países tentaram aliviar a situação dos miseráveis internados.

Maria Durand foi sentenciada à prisão na torre em 1730. Nasceu em 1715 na pequena aldeia de Bouchet de Pranles de piedosos pais huguenotes. Seu irmão, Pedro, era um daqueles intrépidos pastores de «deserto» que realizou a sua perigosa tarefa nas províncias meridionais do Languedoc e do Delphinado.

Como seus colegas, pregava a Palavra em lugares ocultos, geralmente chamados assembleias do deserto, onde se levavam a efeito reuniões ilegais. Como o perigo era sempre iminente, os assentos e o púlpito podiam ser facilmente desfeitos; também os sagrados utensílios usados na comunhão e outros serviços podiam ser facilmente desirmanados.

Pedro Durand com risco de sua vida baptizava os jovens, sepultava os velhos, e ia como embaixador de Cristo, perseguido pela policia da igreja e do Estado. Como os seus inimigos não conseguiram apanhá-lo, seu pai foi levado como prisioneiro em seu lugar e permaneceu preso durante 15 anos.

Quando Maria foi presa, o comandante militar apresentou como motivo: que ele desejava por meio desta prisão ensinar Maria, assim como os outros «herejes», uma memorável lição de que os huguenotes tinham que se conformar com as leis sociais e religiosas de então. Pedro foi depois apanhado e sentenciado à morte.

Logo que Maria chegou à Torre de Constança ela assumiu a responsabilidade da chefia. Ela personificava de maneira notável o espírito de resistência.

Com efeito, era necessário um espírito forte naquela prisão. As condições do encarceramento eram tão horríveis que alguns prisioneiros, muitas

vezes instados para voltarem à fé católica, cederam à tentação. Temos os nomes de algumas dessas pessoas, algumas das quais tinham sido dirigentes bem conhecidos antes de serem presos. Uma mulher huguenote que pretendia possuir o espírito de profecia, tornou-se vítima de sua própria fraqueza. Primeiro ajudou com a sua língua o catolicismo e depois abandonou a fé evangélica que tinha sido a sua. Outros que não puderam resistir às condições desumanas de seu encarceramento abandonaram igualmente a fé.

Mas nunca houve uma sombra de dúvida no que respeita a Maria. No meio de defecções, rodeada por vítimas de uma doença epidémica, gasta por todas as espécies de incessante serviço, ela estava decidida a resistir. Preferia a abjecta morada de uma cruel prisão se tão somente pudesse ler a Palavra de Deus. E ela a lia.

Muitas vezes se lembrava da passagem em que o apóstolo Paulo diz aos jovens cristãos que deviam ou fugir ou resistir. Não podeis argumentar com o vício ou o pecado. E assim o apóstolo aconselhava o jovem Timóteo que a melhor estratégia é «fugir dos desejos da mocidade». Por outro lado, Tiago adverte, ao tratar-se da integridade e do carácter sagrado da nossa consciência, a não deixar que o diabo leve a melhor. «Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós».

Résister! Foi essa a palavra que se tornou a ordem de marcha de Maria. Ela estava convencida de que esta era precisamente a ordem de Deus a seu respeito.

Outra passagem que ela parecia ter lido muitas vezes, porque a ela se referiu em várias cartas a sua sobrinha, era o texto do Evangelho de Mateus onde se menciona a violência ao reino dos céus, e pela força se apoderam dele». Maria deve ter meditado bastante nesta passagem. Na sua mente a palavra «violento» applicava-se particularmente àqueles cristãos que fazem violência aos seus maus traços de carácter, subjugam de tal maneira a sua própria natureza que conseguem tornar caritativas as suas vidas. Acima de tudo, os violentos eram aqueles que, uma vez mais, resistem a todo o custo. Ainda

que, escreveu ela, o Senhor a abandonasse, «n'Ele confiaria». Ela escreveu várias cartas à sua sobrinha que não estava encarcerada, mas era Maria que, da sua prisão, a exortava sempre a «confiar no Senhor. Ele nunca nos abandonará». E a sua força foi provada durante trinta e oito anos.

A ideia da resistência não era exclusivamente sua. Logo desde o início da sua história, os huguenotes do sul da França decidiram por um lado ser leais ao seu rei, instituído por Deus; mas estavam igualmente decididos, como os valdenses, a resistir com a máxima energia quando o seu governo ia contra a sua consciência. Nunca vacilavam quando tinham de escolher entre a obediência a Deus ou ao homem.

Não obstante sua força de carácter, Maria era, apesar de tudo, humana. Forte como era na sua vontade, por vezes não podia deixar de pensar: «Por quanto tempo ainda, ó Senhor?» Apenas poucos anos depois de ter sido presa, escreveu à sua sobrinha: «O tempo parece longo para nós.» O que ela não sabia era que devia ficar na prisão ainda mais trinta anos.

Foi encarcerada em 1730 e posta em liberdade em 1768. Entrou na prisão com a idade de quinze anos e saiu com a idade de cinquenta e três. Depois de solta, viveu apenas sete anos e meio em liberdade, mas esses foram anos cheios de decepções. Os membros de sua família imediata tinham morrido e dos parentes, tais como sua sobrinha, experimentou decepções e tristezas.

Quando Maria deixou a prisão havia ali um jovem que mais tarde se tornou um dos mais notáveis representantes da Assembleia Nacional durante a Revolução Francesa. Referindo-se a Maria disse ele: Vi aquela prisioneira que ali permaneceu trinta e oito anos... Era uma pessoa extremamente religiosa dotada de firme bom senso e cheia de luz...»

Se visitardes Paris, não deixeis de ver a biblioteca e o museu huguenote.

Numa vitrina daquela biblioteca está uma carta escrita à mão por esta menina de quinze anos que foi encarcerada por causa de sua fé. Como todos os outros, ela era incansavelmente tenta-

da a ceder, mas a fragilidade do seu corpo era mais forte do que a formidável fortaleza da Torre de Constança. Sua inabalável convicção venceu a tentação. Nessa carta, Maria Durand expressava a sua íntima decisão: «Deus deu-nos as preciosas verdades da Bíblia; a estas devo ser fiel e não posso mostrar-me traidora como Judas.»

Nada, nem ninguém, podia abalá-la. Pelo contrário, foi essa intransigente fé que finalmente abalou os corações dos homens. Ninguém recorda hoje os nomes dos seus carcereiros. Mas o mundo cristão continua a ser inspirado pelo exemplo clássico de uma menina cuja fé se expressa numa palavra — *resistir*.

O Valor de um Balde de Água

Certo dia quente de agosto, dois cavalos meio esfaimados, puxando um carroção de imigrantes com um cocheiro bêbado, uma mulher enfêrma e quatro crianças, pararam junto de um casebre nas campinas do Estado de Kansas, na América do Norte.

—Tem água? — indagou o cocheiro a uma encantadora menina que estava na porta. Não havia senão uma balde de água no poço, que se estava secando, e seus pais achavam-se no momento fora procurando mais água, mas Raquel levou aquêl balde de água ao carroção, e o grupo sedento imediatamente o esvaziou.

—Lembre-se, menina — disse a enfêrma gratamente — que você fêz êste bem a um dos menos dignos.

Prosseguiram a viagem. Os anos passaram-se, e Raquel cresceu, tornando-se uma mulher. Convidou um orador de assuntos de temperança muito conhecido a fazer uma conferência em sua cidade.

—Eu gosto de Kansas — começou êle a falar — pois em suas planícies fiz meu primeiro voto de temperança.

A seguir relatou a cena acima. Ao referir-se à menina que lhes deu água — um balde de água — e como seu pai naquele dia arremessou para longe a garrafa de uísque como oferta de gratidão, e êle mesmo prometera à sua mãe juntar-se ao exército dos temperantes, Raquel apenas pôde inclinar a cabeça para ocultar as lágrimas de alegria.

O Acampamento dos M. V. da União

Acampamento! Palavra que ecoa como o som de alegre cântico aos ouvidos de toda a juventude Adventista.

Pronunciamos «acampamento» e logo à nossa mente surgem, como num desfile, tendas, rios, apitos, fogueira, novas amizades, sã camaradagem.

Chegou o mês de Agosto e com ele redobrou de entusiasmo o desejo de participarmos no Acampamento. Fazem-se rapidamente todos os preparativos.

Num encantador recanto da Sacaala, circundado por árvores altaneiras, na propriedade posta gentilmente à nossa disposição pela Irmã D. Maria Leite Ribeiro, a quem em nome de todos os jovens estendo uma vez mais os nossos agradecimentos e a certeza de sincera amizade e simpatia que em todos despertou, teve lugar o V Acampamento dos M. V. de Angola, com a participação de 74 jovens.

Vindos de diversas cidades todos trazem em seus corações o desejo de passar em comunhão com Deus e com a natureza e em perfeita harmonia uns com os outros dez dias que certamente se tornarão inolvidáveis.

Prepara-se o recinto, arma-se as tendas e todos aguardam com expecta-

tiva o primeiro serão passado à volta da fogueira.

O Pastor Carlos Esteves, «o nosso Soba», director do Acampamento, elabora todos os programas de modo a proporcionar boa disposição e constante alegria aos jovens campistas.

Antes de soar o toque de alvorada, despertávamos ao som do alegre chilreio das aves que deste modo louvavam a Deus pela protecção dispensada e Seu vigilante cuidado para com elas e nos incitavam, cada manhã, ao abrirmos os olhos, a agradecer-Lhe Seu grande amor para conosco.

Além do içar e do arriar da bandeira, símbolos do nosso dever e amor para com a Pátria, todo o tempo estava ocupado em diversas actividades. Após o içar da bandeira, uns momentos de ginástica que dispoñham bem fisicamente e aumentavam ainda mais o sempre bom apetite dos jovens. Não queremos deixar de prestar justa homenagem a nossas simpáticas cozinheiras, irmãs D. Mercedes Esteves e D. América Lopes que, dia após dia nos deliciaram com variadas e saborosas refeições. Havia horas destinadas a jogos, ao tão apreciado banho no rio Cullimahala, classes progressivas, canto, reuniões sociais, etc.

Junto à fogueira, com a presença de numerosas visitas que cada noite se dignavam vir até nós, tinham lugar jogos e projecções de filmes, além dos programas que eram apresentados pelas diferentes Igrejas ali representadas, e do jornal «O Diário dos Palhistas».

Chegou o Sábado. À sombra protectora das árvores tiveram lugar a Escola Sabatina e o Culto. Este, dirigido pelo Pastor Ernesto



Um aspecto do acampamento

Ferreira, tocou profundamente o coração de todos os presentes e ao ser feito o apelo, perto de 40 jovens se levantaram prometendo com seu gesto, consagrar num futuro próximo suas vidas ao Senhor através do baptismo. Que em breve, muito em breve seja concretizado o voto de nossos jovens é meu sincero desejo.

Dia 19, penúltimo dia de Acampamento, foi um dia festivo para a juventude. Numa cerimônia dirigida pelo Pastor Ferreira foram feitos os exames das Classes Progressivas, tendo sido investidos 40 jovens. Após os exames, formando duas fileiras, alinhámo-nos à entrada do Acampamento aguardando ansiosamente a chegada do Senhor Intendente Dr. Antônio Marques e Esposa, que nos honraram com a sua presença. Entoamos o Hino Nacional. O Pastor Ernesto Ferreira apresentou as boas vindas a tão ilustres visitas. Numa expressão que irradiava simpatia o Senhor Intendente dirigiu palavras de apreço a toda a juventude, à grande obra que por ela pode ser realizada, mencionando que o dia da sua ida ao local do Acampamento coincidia com o dia do seu 48.º aniversário mas que se sentia, apesar da idade, um jovem no meio de tantos jovens. Ao ouvirmos suas palavras e logo que o Senhor Intendente acabou de falar, elevámo-nos entusiasticamente nossas vozes cantando «Parabéns a Você». Seguiu-se um simples lanche e ao voltarmos para o recinto do acampamento depois de acompanharmos os visitantes, nossos corações rejubilavam.

Mas a última noite chegou. Foi acesa a última fogueira e realizada a última reunião. Era já tarde e já longe a hora do jantar, no entanto, o apetite andava sempre bem desperto em todos e assim nossas Irmãs mandaram servir uma breve ceia. Ao entrarmos nas nossas tendas sentimo-nos tristes pensando

na já tão breve partida, nas imensas saudades que a lembrança daqueles 10 dias maravilhosos nos traria. Um novo dia alvoreceu! O último! Após o almoço e a leitura da última «edição do jornal» teve lugar o arriar da bandeira findo o qual, todos de mãos dadas, formando um círculo, cantámos o hino «Deus vos guarde».

Em todos os semblantes se notava um misto de alegria e tristeza. O Sol, testemunha fiel das obras do Criador, brilhava esplendorosamente enchendo tudo de luz e calor, como que acendendo em nossos corações a chama da fé, duma fé viva e forte que nos ajudará dia após dia a confiarmos no nosso Deus certos de que Ele nos guardará se tão somente colocarmos em Suas mãos os nossos corações, pedindo-Lhe que nos ajude a manter-nos fiéis.

Não esqueçamos jovens M. V. de Angola que o Senhor «deu um estandarte aos que O temem, para o arvorarem no alto pela causa da Verdade». Possamos nós, quais valorosos soldados, levantar bem alto o Estandarte que nos foi confiado pelo Príncipe Emanuel.

Maria Costa Sales

Visado pela Censura



Aspecto de uma reunião dos M. V.

Confiança entre os irmãos

ROBERTO H. PIERSON

Presidente da Divisão Sul-Africana

Que abençoada experiência estar de novo com os obreiros de Deus, após haver ficado separado todos êstes desolados anos!

Quem assim falava era um homem de idade avançada, sentado do outro lado em que eu estava, à mesa de hotel. Assistíamos à assembléia duma União-Associação. Após haver passado aproximadamente trinta anos distanciado de seus irmãos, este antigo líder em Israel finalmente voltara para o povo de Deus. Durante os dias em que estivemos e oramos juntos, repetidas vêzes expressou a grande alegria que lhe enchia o coração por se reunir novamente com “os irmãos”.

Este recém-conhecido meu, suportara pesadas responsabilidades na causa de Deus. Fora presidente duma de nossas maiores uniões-missões. Então surgiram os mal-entendidos. Lançaram-se calúnias sôbre a sua liderança. A confiança foi quebrada e o oprimido líder não mais pôde suportar as responsabilidades. Apartou-se. Seus lábios não me revelaram estes detalhes. Ele estava por demais feliz na restabelecida amizade com “os irmãos”. Outros amigos compuseram a história para mim, entre as reuniões.

Quem poderá saber das solitárias horas, dos pesares e da luta contra a amargura que este oprimido homem de Deus experimentou por trinta anos! Tudo porque a confiança foi desfeita!

“Satanás... sabe que se puder pôr irmão a vigiar irmão, na igreja e no ministério, muitos ficarão tão desanimados e desencorajados que deixarão seu pôsto de dever.” — Testemunhos para Ministros, pág. 189.

Como é lamentável quando os homens ficam com o coração magoado e o espírito oprimido pela indelicadeza e falta de confiança até isso os obrigar a sair da obra e, às vêzes, da igreja! Quanto necessitamos de confiança entre os

irmãos nas nossas fileiras de obreiros!

Algum tempo atrás, dirigi uma série de reuniões de reavivamento numa de nossas igrejas. Vinte anos antes, dois irmãos daquela igreja perderam a confiança um no outro. Durante êstes longos anos, raramente haviam falado entre si. Perante os mútuos conhecidos, faziam uma invectiva de crítica dum contra o outro. Era uma coisa terrível! Dividia os membros da igreja. A atitude dos irmãos litigantes se refletia em duas facções que se desenvolveram na igreja. Males sem conta provieram para a causa. Fiquei grato pelo que o Espírito de Deus fêz, por êstes dois desafetos membros, nas duas semanas de reuniões de reavivamento. Com lágrimas deslizando pelas faces, abraçaram-se, e as velhas barreiras desapareceram. Que experiência abençoada adveio para toda a igreja, quando se restabeleceu a confiança!

Recentemente, estava lendo o jornal diário de Salisbury, *The Rhodesia Herald*. Numa de suas páginas internas, em títulos pequenos, encontrei estas palavras: “*Confiança É A Nossa Necessidade*”. Eram palavras dirigidas ao *Rotary Club de Salisbury* pelo primeiro Ministro da Rodésia do Sul, *Sir Edgar Whitehead*. Estas palavras apareceram distintamente perante mim. “*Confiança É A Nossa Necessidade*”— São palavras que constituem uma mensagem desafiante para os obreiros na causa de Deus, hoje em dia. Devido à urgência da hora, devido à iminente aparição do Mestre, devido ao repto da tarefa inacabada, não há nada que nós como obreiros mais necessitemos do que a confiança em Deus e um no outro.

Quando lia a afirmação de *Sir Edgar*, estas palavras do apóstolo Paulo reluziram-me na mente: “Não abandonéis, portanto, a vossa confiança”. (Hebr. 10:35). Isto ele aconselhou aos

hebreus de seu tempo e aos obreiros adventistas do presente.

Vivemos em tempos de ansiedades e agitação. Devido à falta de confiança internacional, o mundo treme na guerra fria. A suspeita atormenta as mentes dos dirigentes mundiais. Parece que não se encontra nenhuma base de confiança entre o Oriente e o Ocidente. Tudo que um lado propõe, com certeza o outro irá contrapor. Intenções sinistras são atribuídas a ambos os lados. Pressões e tensões provam êste velho mundo em muitas regiões.

É algo torturante e terrível quando existe tal falta de confiança entre os dirigentes do mundo. Mais lamentável ainda é quando tais sentimentos se insinuam entre membros e obreiros na causa de Deus. O movimento adventista é um movimento internacional. Ademais, reúne várias raças e diferentes tipos de personalidades e índoles entre os povos representados. É-nos muito importante recordar que, indiferentemente da bandeira ou raça que ostentamos, somos primeiramente cristãos. Como seguidores do Senhor Jesus Cristo, deve haver confiança entre nós.

Vivendo no mais crítico período da história do mundo e da igreja, quando contendas, tensões e desconfianças de toda a espécie predominam em nosso redor, creio que a mensagem de Deus para todos nós como obreiros é: "Não abandoneis, portanto, a vossa confiança". Não devemos permitir que a desconfiança ou a suspeita do mundo em volta de nós se insinuem em nossas fileiras. Não deve haver falta de confiança, inquirição ou impugnação de motivos e falta de fé entre os que levam os vasos do Senhor nestes solenes tempos em que vivemos.

Todo o obreiro entre nós se interessa em ser um trabalhador de êxito. Anelamos e oramos por poder no ministério. Diariamente rogamos a Deus que nos use na expansão e terminação de Sua obra, em nossa parte da vinha. A mensagem do Senhor claramente delineia as condições para o êxito e o poder na vida e no trabalho. Faríamos bem em ler frequentemente as palavras que seguem: "O êxito de nossa obra depende de nosso amor a Deus, e nos-

so amor aos semelhantes. Quando houver acção harmoniosa entre os membros individuais da igreja, quando houver manifesto amor e confiança dum irmão para com outro, haverá proporcional força e poder em nossa obra, para a salvação dos homens." — Testemunhos para Ministros, pág. 188.

«Manifesto amor e confiança dum irmão para com outro» proporcionarão êxito e poder ao trabalho.

Que é Confiança?

A palavra confiança vem do infinito latino *confidere*, e, como tal, significa ter fé. Se confiamos nos bons préstimos duma pessoa, se temos fé em sua sinceridade, embora nem sempre concordemos com seus pontos de vista e com a maneira em que faz as coisas, ainda podemos reter a confiança nela. A confiança não faz de alguém um carimbo de borracha. Torna-o caritativo. Produz certeza e fé na sinceridade e nas intenções dos irmãos.

A confiança não é alguma coisa que podemos reclamar por direito. Mesmo nossa posição na obra de Deus pode exigí-la apenas condicionalmente. A confiança é algo que devemos merecer. Confiança gera confiança. Ela é uma qualidade tão prodigiosa como o amor. Quanto mais a manifestarmos aos que nos rodeiam, tanto mais aumentará e tornará para nós. Há algum colega na obra que suspeita de nós, e cuja confiança aparentemente não desfrutamos? Confiamos nós nele? A confiança é uma rua de duas vias, e exige que dois transitem por ela. Podemos, também, compará-la a um assento de quatro pernas. Se uma delas é removida, o assento perde a estabilidade.

"Nutramos o espírito de confiança em... nossos irmãos". — Idem, pág. 500.

Um homem de bom coração achava-se muito mal, e seus amigos vieram confortá-lo. Lembravam suas boas acções. Um deles orou: «Senhor, Tu sabes o quando ele Te ama».

«Ah, meus amigos», disse o enfermo, «não digam isto. Quando Maria e Marta foram a Jesus, não disseram: 'Senhor aquele que Te ama está doente', mas 'aquele que Tu amas'. Não é meu imperfeito amor por Ele que me conforta, mas Seu perfeito amor por mim». — *Selecto*.

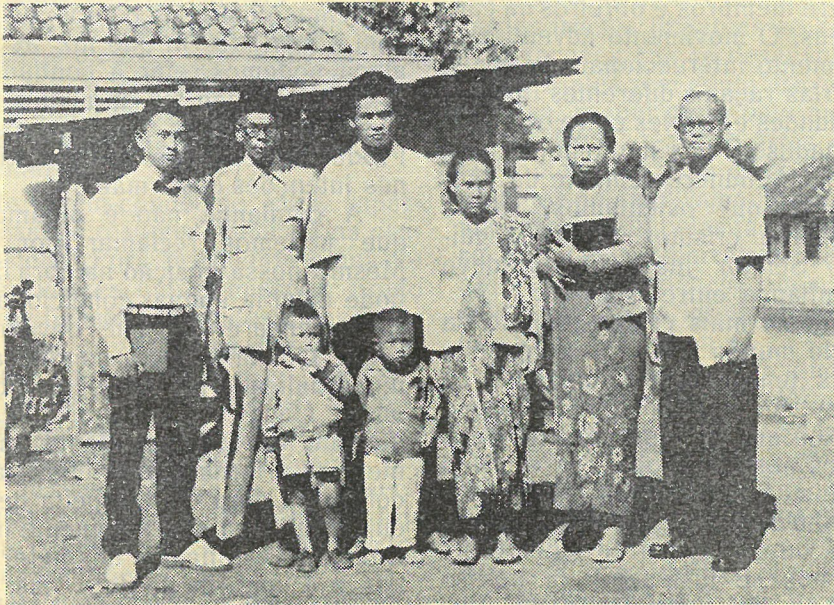
Muçulmanos da Indonésia aceitam a Cristo

M. Kalitouw, oficial da polícia indonésia, aceitou a mensagem adventista, mas a sua esposa fervorosa muçulmana, nem sequer o deixou explicar-lhe as razões da sua conversão. Como consequência, este lar tornou-se muito infeliz. Todavia, quando a Senhora Kalitouw ouviu um antigo muçulmano, o pastor Burhanuddin, dar dos princípios cristãos uma explicação baseada sobre o Corão, a sua curiosidade foi despertada. Depois de numerosos estudos bíblicos, ficou convencida de que a religião do seu marido era a verdadeira,

do o Sábado, mas sem conhecer a existência dos Adventistas do Sétimo Dia.

Esta Escola Sabatina anexa tem presentemente cerca de 40 membros, alguns dos quais figuram na fotografia que junto publicamos.

Uma das grandes necessidades da Indonésia é certamente ter mais obreiros para se ocuparem dos interessados cujo número aumenta sem cessar. Mas urge que estes novos quadros recebam uma boa formação. E onde poderia ela ser-lhes dada, senão em nossa escola da Missão Setentrional das Celebes?



Da direita para a esquerda—um membro não identificado, o ir. Wijada, o ir. Ing e sua esposa, a irmã e o irmão Kalitouw e à frente os dois pequenos Ing.

e o seu lar voltou a achar a harmonia.

Esta senhora não teve desde então senão um desejo: partilhar a sua nova fé ao seu próximo. Em breve, várias famílias da vizinhança se reuniam na quarta-feira à noite para ouvir o pastor comparar os ensinos cristãos e os do Islão. Pouco depois, foi organizada uma Escola Sabatina em casa da Irmã Kalitouw com os membros mais interessados desse grupo. O Sr. Ing e sua esposa, entrados recentemente ao serviço da Irmã Kalitouw, estavam entre os mais assíduos. Tinham sempre observa-

Ora esta instituição deve ainda desenvolver-se se desejamos que nela sejam instruídos mais obreiros. Eis porque uma parte do excesso da oferta do próximo 13.º Sábado será consagrada a melhorar as condições materiais da escola nesta região tão prometedora da Divisão do Extremo Oriente. Quando puserdes a vossa oferta de lado, lembrai-vos das nossas necessidades assim como das nossas possibilidades ilimitadas na evangelização dos muçulmanos da Indonésia. Desde já vos agradecemos de todo o coração.

R. B.

O que Deus separou para Si

PEDRO H. PASINI

Desde que criou o homem, Deus tem providenciado elementos necessários para a formação física e espiritual da criatura. Provê o alimento, para o corpo e a alma. Colocou sobre a Terra ao alcance do ser humano tudo o que se pode imaginar que lhe poderia ser útil. E nós desfrutamos da liberdade de nos obstercer destes privilégios.

Há, no entanto, coisas que Deus santificou e que devem ser utilizadas unicamente para glorificar nosso Pai celestial. À primeira vista nos parece que Deus está agindo egoístamente, não concedendo ao homem o direito de usar tudo como bem entende e quando lhe aprouver. Mas até naquilo que Deus reservou para Si, vemos reflectido o Seu amor. Sim, porque o homem é beneficiado com isso. Isso lhe traz experiências que de outra maneira não lhe era possível desfrutar. Corpo e alma são por êsse meio levados a considerar mais de perto as coisas santas do Altíssimo. E é também através daquilo que Deus não permite ao homem tocar, sem sofrer as consequências, que o homem pode mostrar sua fidelidade, o que, por sua vez, lhe aumenta a confiança no Senhor.

Analisemos as coisas santas e chegaremos a uma conclusão unânime, de que verdadeiramente elas têm sua razão de ser e que somos levados através delas, à aquisição de uma espiritualidade pura, que não poderíamos adquirir de outra maneira.

Começemos com algo que já está no passado, mas que nos auxiliará muito em nossa análise. Trata-se da árvore da ciência do bem e do mal. Destinava-se ela a ser o instrumento de prova para o homem. Era ao mesmo tempo um adorno no jardim do Éden, pois a Bíblia diz "que aquela árvore era... agradável aos olhos"... (Gên. 3:6.) O fruto desta planta não deveria ser tocado pelo homem, pois estava reserva-

do para um fim especial. Desobedecendo à ordem de não comer «da árvore da ciência do bem e do mal» (Gên. 2:17), o homem perdeu sua pureza original, sofrendo como consequência, a morte.

No que concerne ao tempo, Deus reservou para Si também uma parte. Assim como no Éden o homem tinha liberdade de tocar em muitas espécies de frutas e somente uma reservou Deus para Si, igualmente muitos dias recebeu o homem para realizar sua obra, e somente um dia reservou o Senhor para ser usado em Sua homenagem. Diz a Bíblia: «Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra». (Êxodo 20:9.) E quanto ao outro dia da semana que ainda sobra, adverte: "Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus." (Êxodo 20:10). Se temos à nossa disposição seis dias, não é difícil dedicar o sétimo a quem nos deu não somente a vida mas também o alimento. Ao contrário, no entanto da árvore da ciência do bem e do mal, o sábado ainda hoje se encontra entre nós, devendo ser observado por todos aqueles que querem ser fiéis a Deus.

Em terceiro lugar, exige Deus para Si uma parte de nossas posses. Nove décimos são nossos e podem ser empregados como melhor convier a nós. Uma décima parte deve ser dedicada, todavia, ao Senhor. Deus nos dá mais do que necessitamos, e é por isso que pede uma parte de volta. Diz Ele: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento em Minha casa.» Mal. 3:10.

Poderíamos pensar que Deus facilitaria nossa tarefa e obediência se nos concedesse tão somente a parte que nos é devida, ou seja, semanas de seis dias, somente nove décimos do nosso salário. Há no entanto um plano maravilhoso em tudo isso. Diz o apóstolo: "Coisa mais bem-aventurada é dar do

que receber.” (Actos 20:35.) O Senhor nos concedeu o privilégio de sentirmos a satisfação de dar.

Sendo utilizado convenientemente, tudo contribui juntamente para o bem. Ninguém põe em dúvida que a eletricidade beneficia imensamente o homem, mas usada inconvenientemente pode causar até a morte. Ocupemos corretamente as coisas de Deus, devolvendo-Lhe o que Lhe pertence.

Há algo, no entanto, que Deus reservou para Si, e no qual deposita todo o Seu zelo e tem sido a constante preocupação das hostes celestiaie. Trata-se do Seu povo. É o que de mais santo possui o Criador. Este povo estará guardado para habitar com Ele. Receberá e gozará as delícias da eternidade. Sim, porque Deus mesmo é quem diz: “E eles serão Meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei Me serão propriedade; poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve.” (Mal. 3:17.) O apóstolo Pedro compreendeu bem o cuidado que Deus dispensa a Seu povo, pois escreveu: “Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anunciéis as virtudes d’Aquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz.” (I S. Ped. 2:9.) Deus tem Seu povo em tão alta estima, que Cristo considera como sendo feita a Ele tôda injustiça praticada contra os que obedecem aos Seus mandamentos. Declarou Ele: «Se o mundo vos aborrece, sabeí que, primeiro do que a vós, Me aborreu a Mim.» (S. João 15:18.) E ainda mais: «Quem vos ouve a vós, a Mim Me ouve; e quem vos rejeita, a Mim Me rejeita; e quem a Mim Me rejeita, rejeita Aquele que Me enviou.» (S. Luc. 10:16.) Aquele povo por quem Cristo morreu e sofreu, é precioso ante os olhos de Deus e Ele não permitirá jamais que fique impune o que tocar maldosamente naqueles que Lhe são caros.

Prezados irmãos, que maravilhoso privilégio é o nosso, de sermos chamados povo santo e escolhido para ser separado de tudo o que é profano e mau, e algum dia reinar com êsse Pai que nos santifica!

A Igreja Remanescente

Continuação da pág. 3

pararam para ela, poderão dizer naquele dia: «Eis que Este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e Ele nos salvará; Este é o Senhor a quem aguardávamos, na Sua salvação gozaremos e nos alegraremos». Isaias 25:9. E, então, o Salvador também dirá: «Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus». Apocalipse 14:12.

Demos, pois, graças a Deus, nestes tempos tão atribulados e de tanta incerteza, por termos o conhecimento da verdade e pertencermos à Sua igreja remanescente. E que, embora não saibamos o dia e hora da volta gloriosa do nosso Salvador, possamos, todavia, saber com segurança quando ela está próxima, pelo desenrolar dos acontecimentos anunciados pela Bíblia e Espírito de Profecia.

Que Deus nos ajude a estarmos preparados, e de todo o coração possamos dizer: «Ora, vem Senhor Jesus».

Se tens dívidas, dá o dízimo

Continuação da pág. 5

me tivesse contado a história quando eu tinha quinze anos! Tanta alegria que perdi! Tanta miséria que sofri! Que diferente não teria sido se eu tivesse sabido! Antes de começar a dar o dízimo, a minha economia parecia atacada de maldição; depois, está cheia de benção. Durante vinte e um anos não tenho sido afligido com o problema do dinheiro. Às vezes aparece alguma ameaça, mas tenho sempre a consciência de que o Senhor, meu Director e Cooperador e eu, trabalhamos juntos. Eu entrego-Lhe todas as resoluções e Ele opera.

Por Wade C. Smith

«The Sunday School Times»

Histórias Africanas



A PEQUENA BORBOLETA



Mina nunca tivera um vestido assim. Mirou-se ao espelho e disse: «Eu sou uma borboleta».

Um dia as crianças estavam-se reunindo para a Escola Sabatina e o sino tocou pela última vez. As crianças estavam na sala, ansiosas por começar a cantar o primeiro hino. Então entrou a pobre Minazinha. Foi-se esconder ao fundo da sala e procurou conter-se num pequeno espaço de maneira que as outras crianças não notassem que ela ia vestida só com farrapos. Seu pequeno rosto estava triste.

Quereis acreditar? Várias crianças começaram a rir-se dela, pois sabiam que era muito melhor ter vestidos limpos do que andar sem eles. Tinham ouvido os seus parentes falarem acerca dos pagãos que não se vestem bem e não queriam ser como eles. Era a ambição de cada cristão o ter vestidos limpos. Algumas das suas pouco caritativas companheiras segredavam Ukualofeka à pobre Minazinha, palavra essa que significa «gentio».

Minazinha colocou suas pequenas mãos em frente do rosto e começou a chorar. Ela não cantava nem olhava para o lindo Rolo de Gravuras, nem mesmo ouvia a história que era contada naquele dia. Só estava sentada e chorava.

Havia uma razão por que Mina não tinha um vestido. Seu pai tinha deixado de guardar o Sábado. Tinha ido trabalhar para a cidade. Disse à sua família que podia ganhar muito mais dinheiro se trabalhasse ao Sábado, e assim fez durante um ano. Mas durante esse ano teve todas as espécies de dificuldades, e um dos seus filhinhos

morreu. A família chegou ao ponto de não poder comprar sequer um pedaço de pano, embora ele ganhasse mais dinheiro. Finalmente, ele viu que os caminhos de Deus são melhores, e voltou a seguir os princípios da Igreja. A família passava agora melhor, mas Minazinha ainda não tinha um vestido.

Tive então uma lembrança. Na gaveta do fundo do meu aparador havia um pedaço de pano que tinha planeado usar para fazer um lindo avental. Era branco, todo ele ornado com lindos botões de rosa vermelhos e brilhantes folhas verdes. Decidi que logo que o Sábado terminasse eu pegaria naquele pano e faria um vestido para a Minazinha. No Sábado seguinte Minazinha podia vir à Escola Sabatina e não chorar. Podia sentar-se no banco da frente e ouvir a história e a lição.

O sol tinha-se posto e o céu era de um vermelho intenso no horizonte quando tirei o pano da gaveta e preparei a minha máquina de costura. Peguei alguns papéis e cortei um molde. Tinha já passado tanto tempo desde que eu havia feito um vestido para uma menina! Por volta do meio dia de domingo o vestido estava terminado. Chamei Andy, o meu cozinheiro, «podes pedir a alguém que vá à aldeia chamar Mina?» perguntei.

Cerca de meia hora depois, ouvi a doce voz de Mina, que estava junto à porta. Ela pensava que não era cortês bater, e por isso disse: «Estou aqui, por favor deixe-me entrar».

Dentro de um minuto Mina estava no meu quarto de dormir. Tirei dela o seu velho pano e vesti-lhe o lindo vestido. Ela estava muito limpa, porque sua mãe a tinha lavado bem antes de a deixar vir a minha casa. Seu pequeno rosto brilhou sorridente ao ver os vermelhos botões de rosa.

«Qange?» perguntou. Ela queria saber se podia pertencer-lhe. Certamente, eu disse-lhe que lhe pertencia, mas que ela tinha que o tirar quando fosse para casa e poupá-lo para a Escola Sabatina.

Quando a levei à frente de um espelho grande, seus olhos brilharam bem abertos e felizes. Ela abriu os braços como asas e ficou de bicos de pés.

«*Ame ndikacimbiambinlu*», disse ela. «Eu sou uma pequena borboleta».

Realmente ela parecia uma pequena borboleta quando veio à Escola Sabatina no Sábado seguinte. Parecia tão diferente que pensei no maravilhoso dia em que todos teremos vestidos novos na nova terra. Não sei de que serão feitos, mas serão muito, muito lindos, mais lindos do que tudo o que temos visto ou ouvido em todas as nossas vidas.

Compaixão

E. Ferreira

Eu vibro de emoção ao ler a história
De Ifigénia em Aulida imolada
A fim de que os deuses a vitória
Concedam à sua pátria idolatrada.

Mas, se por uns momentos eu reflito
No objecto da minha compaixão,
Ifigénia quem foi? Um simples mito
Criado pela helénica ficção.

Passando pela rua um cão eu vi
Ferido e ensanguentado. Ó pobre amigo
Lembras-te de eu ter ido ao pé de ti
Compartilhar a tua dor contigo?

Em breve já o cão se esquecia
Dos maus tratos sofridos. Mas, embora
El' pudesse esquecer-se, eu não podia
Esquecer a sua vida sofredora.

Um mendigo saudou-me com respeito
E, altivo, eu a esmola recusei.
O remorso rugia no meu peito:
Voltei atrás e a esmola eu lhe dei.

Que pena eu senti do triste exílio
Do pobre que de esmolas o pão come!
Ele, porém, não morre sem auxílio:
Há sempre alguém que lhe mitigue a fome.

Se mitos inventados me comovem,
Se a dor dos animais me faz sofrer
Talvez mais do que a eles, se me movem
Desejos de os famintos socorrer;

Porque hei-de abandonar, indiferente,
Quem perde a vida eterna descuidado?
Ó Deus acende em mim um amor ardente
Que me leve a ajudar, humildemente,
As almas que perecem no pecado.

Lido e Arquivado

Voltará o Sábado a ser o dia do Senhor?

Com este título lemos o seguinte artigo no *Diário de Lisboa*, de 23 de Novembro de 1963:

«Numa carta dirigida aos ‘veneráveis bispos do Concílio Ecuménico’ por intermédio do Cardeal Bea, o presidente da Associação para a Propaganda do Judaísmo, cuja sede é em Jerusalém, propõe ao mundo católico que reconheça o Sábado como o ‘dia do Senhor’.

«O autor da carta’ o dr. Israel Benzéev, considera que uma tal medida constituiria um passo essencial para a aproximação entre o catolicismo e o judaísmo. Eis os seus argumentos:

«‘Como sabeis, foi o concílio de Niceia que, em 325, sob o reinado do Imperador Constantino, o Grande, decidiu uma separação total entre o Cristianismo e o Judaísmo e a revogação completa das práticas rituais prescritas pela lei de Moisés.

«‘O concílio reunido em Lucques, em 380, anulou, em seguida, a santificação do Sábado, o sétimo dia da semana, pretestando que era interdito aos cristãos imitar os Judeus nesta observância, porque os cristãos só podem santificar o dia do Senhor, o Domingo, primeiro dia da semana.’

«Depois de ter recordado que Jesus, os Seus Discípulos, e depois todos os cristãos até 380, guardaram o Sábado, o dr. Benzéev sublinha que os Evangelhos ‘não contêm nenhuma declaração ou alusão que se oponha à santificação do Sábado’. E termina pedindo ao Concílio que estude e debata o problema a bem de uma melhor aproximação entre católicos e judeus.»

Paulo VI defende a integração da Europa

A integração europeia corresponde ao objectivo da unidade de paz da Igreja—afirmou o Papa, ao receber os representantes da União Internacional dos Jovens Democratas Cristãos.

Paulo VI acrescentou que «o ideal duma Europa integrada e unida é um grande ideal: representa a feliz conclu-

são duma história infeliz. As nações da Europa deixarão de ter pretexto para se levantarem umas contra as outras. Para eliminar os perigos de tentação de tal conflito (o qual poderia revelar-se trágico e fatal) importa fazer, que-remos dizer, refazer essa família de povos irmãos que não dividem, antes compõem a Europa. E não é apenas para esse objectivo negativo de persuacão que a integração europeia parece madura, mas também para muitos outros objectivos que a vida internacional já evidente exige sem mais demoras.» —*Lusitania* (Apud *O Planalto*, de Nova Lisboa, de 7 de Fevereiro de 1964.

Primícias da Terra Prometida

Continuação da pág. 4

do Norte. Era uma senhora idosa e sòzinha no mundo. Depois de ter sido recolhida durante um ano em meu lar, quis fazer-me presente de todas as suas economias, ou seja, de uma soma de cerca de 5.000 novos francos franceses. Recusei esse dinheiro, e propus-lhe que o desse ao Senhor, que em paga nos concederia a Sua bênção. A resposta do Céu não se fez esperar. Pouco depois, com efeito, consegui colocar esta irmã numa instituição de Marselha, onde se sente muito feliz. Quanto a mim, Deus me conservou a Sua bondade (Jer. 31:3) e me confiou, por campo de actividade, o país de Seu santo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, e isso num momento em que vários dos nossos pregadores da África do Norte tinham alguma dificuldade em se reenquadrar no trabalho.

Enfim, recentemente, o pastor Hofmann, de Nova Iorque, enviou-me uma soma de 200 dólares, donativo de uma irmã judaica recentemente baptizada e desejosa de contribuir para a evangelização do seu querido país de Israel. Além disso, pude entrar em contacto com primos desta irmã estabelecidos em Jerusalém, e tive ocasião de lhes falar do amor de Deus para com todos nós e, sobretudo, para com o Seu povo da antiga dispensação. Tais são os bons frutos da «Terra Prometida» que tive o privilégio de saborear.

D. Sofranac

Notícias do Campo

C. M. do Bongo

Reuniões Anuais de Reavivamento Espiritual

Estas reuniões são sempre motivo de júbilo para o povo Adventista. Na data marcada começam a reunir-se os membros da Igreja e visitas de determinada área, na aldeia escolhida para esse fim. As mulheres com as suas trouxas à cabeça e os seus vestidos de cores alegres, contribuem para a policromia exuberante da paisagem. Os homens aparecem montados em bicicletas velhíssimas, que nos surpreendem por ainda cumprirem a sua missão. Há famílias que chegam nos seus carros de bois. Muitos homens utilizam as motorizadas e já vimos alguns utilizar o automóvel...

As reuniões de 1964 foram muito abençoadas por Deus.

As primeiras reuniões realizaram-se na Chilimba, tendo sido seguidas por outras na Emanha, Catapi, Uliaguele, Fins, Cahuvi, Canaã, e Longuli.

Demos graças a Deus porque os resultados foram mais satisfatórios do que os do ano passado, como podemos ver pela seguinte estatística:

	1963	1964
Presenças	3.866	4.503
Dedicações	120	121
Baptismos	292	357

Não queremos deixar de expressar o nosso reconhecimento a todos os obreiros visitantes que, numas ou noutras ocasiões, com as suas fervorosas mensagens, contribuíram para que estas reuniões constituíssem um êxito. Foram eles os Pastores A. C. Lopes, J. Gomes, C. Sequesseque, P. Dias, Z. José e Prof. A. G. Lopes.

A todos os que assistiram a estes banquetes espirituais e, duma maneira especial, aos que se dedicaram e foram baptizados, desejamos que a experiência vívida possa perdurar e contribuir para ajudá-los a manterem-se fieis até Jesus voltar.

José Eduardo Rodrigues

C. M. do Cuale

Embora com um pouco de atraso, novamente vimos às folhas do nosso Boletim para vos dizer algo sobre o trabalho neste campo.

Pela graça de Deus, vê-se o trabalho a prosperar e até nós vêm, de todos os lados, pedidos insistentes de obreiros, que infelizmente não podemos atender por não os termos.

Um dos departamentos que tem mais actividade é o departamento médico.

O trabalho no dispensário tem aumentado,

havendo sempre um grande movimento ali, havendo casos que ultrapassam a competência duma enfermeira.

Em vista disso, fez-se o pedido para uma visita médica, que foi atendido, fazendo-se logo todos os preparativos para a chegada do médico.

Bastou dizer a meia dúzia de pessoas que o médico vinha fazer trabalho à Missão, para que em breve, de perto e longe, todos aqueles que tinham alguma doença partissem de suas terras em busca de alívio para os seus males. Para europeus foi feito um anúncio na Rádio, e muito antes da data marcada para as consultas, já havia um movimento diferente na Missão.

Todas as pessoas procuravam alojamento e algumas ficavam em cabanas.

Dia 3 de Abril chega o Dr. David Parsons e sua Esposa para começarem o trabalho que mostrava já, por aqueles que estavam presentes, que não haveria tempo para estar parado. Dia 5 começa o trabalho, e mais pessoas vêm chegando, pedindo que os seus nomes sejam inscritos para consultas ou operações.

Por vezes, vendo menos pessoas, já pensávamos que as coisas iriam mudar, e que abrandaria o trabalho, mas logo no dia seguinte nova vaga de gente para consulta.

E foi assim, que durante três semanas, repartidas entre europeus e nativos, desde a mais simples consulta, à mais difícil operação, o Dr. David Parsons e seus dedicados colaboradores, atenderam aqueles que a eles vieram, em busca de auxílio para curar os seus males.

Compreenderemos melhor o que foi este trabalho se citarmos números.

Durante estas três semanas em que o Dr. David Parsons e família estiveram connosco, foram feitas 867 consultas a nativos e 88 a europeus, realizando-se um total de 65 operações, sendo 36 de grande e 29 de pequena cirurgia.

Os resultados deste trabalho, só a eternidade o dirá, mas de algumas pessoas eu ouvi, que desejavam conhecer os princípios religiosos daqueles que tão bem os trataram.

Em todos havia olhos agradecidos pelo bem que receberam, e muitos, mas muitos mesmo, que não puderam ser atendidos, pediram, pedido que nós secundámos: Dr. já que não pode cá ficar connosco, venha mais uma vez este ano para nos tratar.

Há muito trabalho médico a fazer neste campo, e estamos certos que a obra se desenvolveria muito mais aqui com um médico permanente.

Foi com pena que vimos chegar o dia da partida do Dr. David e Família, mas tinha que ser. Outro lugar o chamava e era necessário ir.

Em nome do povo e do Campo Missionário do Cuale nós dizemos: «Muito obrigado Dr.

Boletim Adventista

David e família, pelo belo trabalho que aqui realizaram».

Desejando as maiores bênçãos dos céus para o trabalho médico e para a Obra em geral nesta Província de Angola, fica vosso no Mestre.

Carlos de Ascensão Esteves

C. M. de Sá da Bandeira

Iniciamos no passado mês de Julho a primeira fase das obras da construção do nosso Templo! Devido a que a construção na sua totalidade era muito dispendiosa, resolvemos iniciar somente as dependências do Templo, que constam de um salão maior do que o actual, biblioteca para os jovens, salinha para a Escola Sabatina das crianças, casa de costura para as Dorcas. Praticamente iniciamos pela fé esta primeira fase das obras, e confiamos em Deus que chegaremos até ao final deste empreendimento sem obstáculos de maior! Visto o projecto do Templo ter sido aprovado, só nos resta agora aguardar uma melhor oportunidade para a realização total da obra. Contudo, podemos dizer que: «até aqui nos ajudou o Senhor». I Samuel, 7:12. Temos em tudo visto a mão de Deus na pessoa dos nossos irmãos e amigos que nos têm ajudado com as suas dádivas. Tal como aconteceu nos dias de Moisés assim acontece agora, embora em escala reduzida nos nossos dias! Louvai ao Senhor! A tarefa não é fácil mas com Deus tudo é possível. Rogamos o favor das vossas orações na presente realização das obras para a casa de Deus em terras da Huila.

Vosso no Senhor,
Américo J. Rodrigues

C. M. de Nova Lisboa

Foi com grande prazer que tive conhecimento de que iria fazer Congressos. Porém, um determinado trabalho que tinha entre mãos quase me ia privando dessa alegria, porque urgia terminá-lo antes que me viessem buscar. Graças a Deus, uns escassos minutos antes da chegada do Irmão Pastor Jewell, eu estava livre!

Assim partimos rumo a Sahono, Mangonga e Lohaca.

É sobre o que foram essas belas reuniões ali realizadas que vos direi algo.

Sahono

Depois de rápida viagem de Nova Lisboa até Caconda por bela estrada de asfalto, entramos em picadas onde o percurso foi feito um pouco mais lentamente, e finalmente chegámos a Sahono, com bastante alegria nossa e dos irmãos que ansiosamente ali nos esperavam. Realizou-se a primeira reunião à noite, e no dia seguinte continuámos apresentando a Sagrada Palavra, escutada com interesse. Uma média de 460 pessoas assistiram a este Con-

gresso, dentre as quais 28 ouviram o apelo de Deus e se levantaram para dedicarem as suas vidas a Cristo Jesus. 36 preciosas almas desceram às águas do baptismo, e foram depois recebidas como novos membros da grande Família Adventista pelo Irmão E. Jewell.

Foram visitas neste Congresso os Pastores E. Jewell, Zeferino José, Mauricio Nunes e o Irmão Orlando de Albuquerque.

A despedida deixou saudades nos que ficaram e nos que foram, não só pelos momentos agradáveis que se passaram, estudando a Palavra de Deus, cantando hinos, e orando, mas também porque tivemos oportunidade de receber bênçãos divinas e fruir em pleno a promessa de Jesus que o apóstolo amado indica no cap. 14 ver. 27 do seu Evangelho.

Mangonga

Este foi um Congresso extraordinário, porque durante ele o Espírito do Senhor trabalhou poderosamente nos corações e algumas decisões foram tomadas que podem marcar desde já o destino eterno dos que as tomaram. Ouvimos, boas mensagens, escutámos bons hinos e tivemos o privilégio de ver sepultos para o mundo, nas águas baptismas, 29 almas que resurgiram pela graça divina para novas vidas dedicadas ao Salvador.

Episódio tocante teve lugar quando, ao ouvir pedir os dízimos, um Irmão se levantou para dar também o seu dízimo. É que ele, por uma falta que cometera, tinha-se afastado do convívio dos irmãos. O inimigo das almas perseguia-o com tentações fortes e ele foi-se afastando cada vez mais. Contudo, segundo a sua própria expressão «Eu não podia esquecer-me de Deus.» Três anos de lutas, de tentações, de quase desespero, não tinham bastado para fazer esquecer àquela alma que o dízimo é sagrado. Nem o abandono dos amigos, nem o desprezo dos irmãos na fé—que o Senhor os ajude a serem irmãos mais compreensivos—nem os contínuos assaltos de Satanás, apagaram na sua mente a verdade preciosa que ele demonstrou publicamente querer continuar a seguir. Tivemos o privilégio de falar com ele, animá-lo, e ele disse, quando ajoelhámos para orar: «Tu» tens guardado os meus caminhos de uma maneira maravilhosa, ó meu Deus!» O Irmão Jewell teve palavras sobremodo encorajadoras para aquele irmão que quer de novo ser um servo fiel de Deus.

Exemplo nobre, que muitos crentes supostamente melhores cristãos deviam seguir, o que o nosso Irmão deu, mostrando publicamente reconhecer o carácter Sagrado do dízimo sendo-lhe fiel.

O Espírito Divino manifestou-se também poderosamente tocando no coração de 36 pessoas que se levantaram dando testemunho de quererem consagrar as suas vidas a Jesus.

Foram visitas a este Congresso os Pastores E. Jewell, Zaferino Jesé, Moisés Chandala e o Irmão O. de Albuquerque.

De Mangonga fomos para Bandeira por picadas, e dali, de novo por estradas de pouco trânsito até Libongue, Chicomba e finalmente Lohaca. Esta aldeia encontram-se a um escas-

so quilómetro do rio Cuvanje, no meio da floresta, numa região rica de gado e povoada por três tribos: muhumbis, umbundos e quiocos.

O nosso Irmão que ali está parece não ter visto ainda grandes resultados do seu trabalho missionário, porque os aborígenes estão muito presos aos hábitos ancestrais, e não compreenderam ainda bem o amor de Deus. Esperamos que a fidelidade, perseverança e fé do nosso obreiro, aliados à poderosa acção do Espírito Santo, possam tocar nos corações e ajudar aquelas almas, por quem também Jesus morreu, e encontrarem a satisfação para o maior e mais irremediável anseio humano; a vida eterna!

Em Lohaca houve apenas 184 presenças. Realizaram-se 23 baptismos, e 16 almas ouviram o chamado de Jesus e dedicaram-se.

O regresso de Lohaca foi feito com um misto de alegria — por poder voltar a casa depois de ter anunciado a Palavra de Deus — e de tristeza por deixar aquelas gentes simples e ingénuas ainda cegas por Satanás. Que o bom Deus, na Sua misericórdia, abençoe a a Sua Palavra e a faça germinar e produzir abundante colheita de almas para o Seu reino.

Sendo nós incapazes de fazer trabalho perfeito, contudo diz o Senhor: «Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus a para lá não torna, mas rega a terra e a faz produzir, e brotar, e dar semente ao semeador, e pão ao que come, assim será a palavra que sair da Minha boca: ela não voltará vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei». Isaías. 55:10 e 11.

E considerarmos nós que o Todo-Poderoso nos concedeu o privilégio de sermos os arautos dessa Palavra!

Este vosso conservo pensa que valeria a pena dedicar algum tempo — umas férias talvez — para procurar sinceramente evangelizar estas almas, anunciando-lhes a Salvação através de Jesus. Haveria Missinários Voluntários verdadeiramente fervorosos capazes de o fazer? Eu creio que sim.

Fica a sugestão, que os Irmãos responsáveis estudarão e avaliarão.

Orlando de Albuquerque

C. M. da Namba

Peço vénia por mais uma vez tomar o vosso tempo e chamar a vossa atenção para o que se vai passando neste Campo Missionário da nossa União. Todos nós gostamos de dar e de receber notícias. E quando elas são boas, agradáveis, então o prazer torna-se maior, e, para quem tem que as dar, não há trabalho nenhum, antes grande é a sua alegria.

Sim, graças a Deus, também desta vez temos boas notícias para vos dar.

A nossa União planeou Cursos de Educação Doméstica para as esposas dos nossos obreiros nativos, a realizar em todos Campos Missionários e em todas as Missões. Não será certamente a primeira vez que ledes no Bole-

tim referências a este assunto. Pois, na Missão da Namba também se realizou um Curso de Educação Doméstica para as esposas dos obreiros que ali trabalham. Embora modesto, pois foram poucas as que estiveram presentes a este Curso, porque poucos são também os obreiros ali empregados, não deixou ele de ser útil e proveitoso. Todas lamentaram que tivesse tão pouca duração. Foi, no entanto, uma boa experiência que muito nos há-de ajudar no futuro. Sem continuidade, estes Cursos deixariam de atingir aquela finalidade que levou a União a criá-los. Já agora gostaríamos de acrescentar o nosso desejo de ver funcionar, tão breve quanto possível, Cursos de Educação Doméstica para jovens que, tendo passado da idade escolar, têm desejo de se prepararem para a vida prática, tornando-se boas donas de casa.

Também findou mais um ano escolar. E, embora um pouco tarde, pois, em breve começará um outro, não gostaríamos de deixar de mencionar os bons resultados que obtivemos no ano findo. O ano lectivo passado, decorreu com toda a normalidade e tornou com aquela regularidade próprias destes trabalhos. E dizemos com toda a regularidade porque, temos para nós, que muitos foram para a escola, ou mandaram os seus filhos para a escola, precisamente para verem se eles chegariam ao fim das aulas. Muitos tinham a impressão de que seriamos obrigados a fechar a escola no meio do ano lectivo ou, então, os estudos feitos na escola da Missão não teriam valor algum perante as autoridades.

Grande foi, pois, a alegria dos nossos alunos ao verem que alguns deles, e foram doze, foram apresentados aos exames oficiais. Todos foram aprovados. Estes factos, graças a Deus, dão-nos assim a certeza de uma continuidade e tranquilidade, tão necessárias ao bom funcionamento de uma escola.

Finalmente não queremos ainda de deixar de mencionar as Reuniões Anuais de Reavivamento Espiritual, anteriormente conhecidas por Congressos.

Estas reuniões têm sempre um carácter espiritual. Elas são como que o fecho dos trabalhos anuais de evangelização. Portanto revestem-se sempre de uma importância e solenidade que nunca será demais exaltar. Delas os nossos crentes e aqueles que nos visitam tiram forças espirituais para ficarem mais fieis aos seus ideais cristãos ou para se entregarem a Cristo.

O Campo Missionário da Namba escreve de parabens, pois, teve o privilégio de ter como oradores os senhores Pastores Juvenal Gomes, da Igreja de Luanda, e Carlos Sequesseque, na situação de reforma. As mensagens divinamente inspiradas calaram bem fundo na mente e nos corações daqueles que tiveram o prazer e a oportunidade de as escutar. Certamente que as exortações espirituais que ao Senhor aprouve enviar através dos seus servos, hão-de perdurar por longo tempo com cada um. Queremos deixar expresso o nosso reconhecimento e a gratidão dos crentes deste Campo Missionário pelo auxílio espiritual que recebem durante estas Reuniões. Verificá-

mos que assistiram as estas Reuniões mais de duas mil pessoas. Num Campo como da Namba este número de presenças muito nos alegra e muitas esperanças nos dá de que um dia o Senhor terá ali um bom grupo de membros da Sua Igreja.

Aos apelos feitos, cento e oitenta pessoas se levantaram e vieram junto da tribuna, mostrando desta maneira o seu desejo de se unirem um dia à Igreja de Cristo, através das águas do baptismo. Noventa e duas almas se entregaram a Cristo, descendo às águas do baptismo.

Uma menção especial para a bondade e paciência do Senhor Administrador do Concelho de Seles que, sacrificando talvez os seus afazeres diários, quis dar-nos a honra e o prazer da sua presença a quase todas a pregações. Da nossa parte aqui deixamos um sincero, muito obrigado.

Quando examinamos tudo o que o Senhor tem feito em favor desta Missão e deste Campo Missionário, ficamos humilhados perante tanta bondade divina e tantas provas tão manifestas do amor de Deus para conosco.

Se o Senhor tem usado de tanta misericórdia para com o seu povo da Namba, certamente é porque as vossas orações não têm deixado de interceder por nós ali.

Que o Senhor vos compense nas vossas vidas o interesse que sempre tendes posto pelo Trabalho que se está realizando neste Campo da nossa União.

Continuai, Irmãos, a orar por nós, para que Deus suscite ali um grande interesse pela Sua Palavra e para que muitas almas sintam o sincero desejo de se prepararem para a próxima vinda do Nosso Senhor Jesus Cristo.

Vosso conservo em Cristo,

A. Valente

Aldeia do Lino

Campanha Evangelística

Portanto ide, ensinai todas as nações baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mateus 28:19.

No dia 1 de Junho do ano em curso demos início a uma campanha evangelística na aldeia do Lino, para cumprirmos o mandato do Mestre. Parecia-nos muito difícil realizá-la, porque alguns dias antes o inimigo da Obra de Deus instigou alguns daqueles que conserva nas suas garras para que pusessem a circular boatos tendentes a amedrontar aquelas almas a quem seria levada a palavra da Salvação. Os nossos obreiros eram acusados de assassinos e dos nossos dirigentes foi dito que deixaram bastante dinheiro na nossa aldeia para que os obreiros cortassem as cabeças das pessoas para vender! Os processos de Satanás não mudam, pois o que ele faz desde o princípio acusa o *Creador* de fazer. Mas graças a Deus que o inimigo não pode esconder a Verdade, e apesar das suas artimanhas o Evangelho será pregado em testemunho a todas as gentes, avi-

sando-as da proximidade do fim. E assim, depois de os nossos obreiros terem falado com o soba e com o povo, pudemos iniciar a pregação do Evangelho Eterno àquelas almas que Jesus deseja ter no Seu reino. Fácil foi reconhecerem então que éramos portadores das palavras de vida e não tínhamos ido para os destruir.

Começámos então a trabalhar sem dificuldade. Todas as manhãs entrávamos de casa em casa, dando àquelas ovelhas desgarradas estudos bíblicos. À tarde tínhamos duas reuniões nas aldeias vizinhas, e de noite tínhamos mais duas reuniões à roda da fogueira. Fazia parte da nossa tarefa diária apanharmos a lenha para a fogueira. O povo é muito supersticioso e viciado no álcool. Os obreiros deviam sair muito cedo antes que as pobres vítimas de Satanás estivessem embriagadas para poderem ouvir a mensagem de libertação do erro, do pecado e da morte que temos o privilégio de anunciar. Foram dias felizes! O acampamento estava protegido por ramos de árvores, e naquele lugar se ouviram mensagens de esperança, chamados misericordiosos ao arrependimento, promessas de perdão e de vida eterna, e deram-se graças a Deus pelo Seu infinito amor. Cantámos e ouvimos belos hinos de louvor e gratidão. A marcha foi o que entusiasmou mais os nossos ouvintes. No último sábado, à hora do culto solene, 88 almas preciosas ouviram o apelo do Mestre: Vinde a Mim todos os que estais cansados e e Eu vos aliviarei! Além destes que se dedicaram, outros ainda se inscreveram nas classes de ouvintes. O próprio soba e a sua esposa se dedicaram a Jesus. Estas almas deixamos entregues ao cuidado de Deus que esperamos ajude o obreiro local Irmão José Fernando a saber exortá-las, animá-las conduzí-las, até que finalmente possa entregá-las a Jesus.

Domingos Paulo

Missão da Luz

Curso de Educação Doméstica

Durante o mês de Agosto, do corrente ano, do dia 2 ao 30, realizou-se na Central de Samujina — Nhatépa um magnífico curso doméstico.

O convite dirigido a todas as esposas dos obreiros da Missão da Luz, para virem assistir a este curso, foi recebido, a princípio, com uma certa indiferença e cepticismo pela maioria das nossas irmãs. Quasi todas tinham uma impressão pouco favorável do curso.

—Um curso dum mês!?... Mas para quê? Uma ou duas semanas chegava perfeitamente bem para se aprender a cozinhar! Diziam algumas. Outras, por sua vez, achavam o curso caro; outras ainda, achavam-no de pouca utilidade. Todas tinham qualquer coisa a dizer da utilidade do curso que lhes propunham.

No dia marcado o curso começou. Vinte e nove convidadas conseguiram vencer as suas hesitações e estar presentes no primeiro dia de aulas.

Cultivai o hábito de pensar e meditar

Descansava Isaque Newton à sombra amiga de uma macieira, reflexionando sobre as imutáveis leis que disciplinam o movimento, dos planetas, quando, um fruto desta árvore caiu-lhe aos pés. Este pequeno incidente fê-lo meditar sobre esta força que atrai todos os corpos para o centro da terra. E, meditando, um lampejo de luz fulgiu em seu espírito, levando-o à concepção da teoria da gravitação universal.

James Watt, festejado mecânico escocês, em momentos de devaneio, teve a sua atenção voltada para a tampa de uma chaleira que se levantava e caía a cada escapamento de vapor. Meditando sobre este fenómeno físico, concebeu o princípio da máquina a vapor.

Estas e outras extraordinárias conquistas do génio humano, foram alcançadas por homens que desenvolveram o hábito de pensar e meditar.

Como obreiros que somos, cumpre-nos cultivar a sublime arte da meditação. Cumpre-nos interromper as ocupações e preocupações da vida para, por alguns momentos, concentrar-nos em nós mesmos, num exame introspectivo honesto e sincero. Cumpre-nos interromper a lida cotidiana para, a sós, em solene audiência com Deus, buscar inspiração para às nossas actividades.

«Não basta simplesmente ler ou ouvir a Palavra. Aquele que anela que as Escrituras lhe sejam úteis, precisa meditar sobre a verdade que lhe foi apresentada.

«Deus nos ordena encher o espírito com elevados e puros pensamentos. Deseja que meditemos sobre Seu amor e misericórdia, e estudemos Sua maravilhosa obra no grande pla-

Desde o primeiro dia o entusiasmo foi geral e ininterrupto. Frequentemente ouviam-se exclamações como estas:

— Ah, afinal é assim?!... — «Kaza-ye!»

— Nunca pensei!... que com coisas tão simples se pudesse fazer coisas tão boas!

De surpresa em surpresa as aulas foram-se sucedendo enquanto o tempo ia desaparecendo rapidamente.

À medida que o fim se aproximava maior era o desejo de todos os participantes de que aquelas aulas fossem prolongadas.

O dia indesejado chegou e com ele as amargas despedidas e a separação.

Todas as participantes deste curso se sentem-se gratas pelo que lhes foi dado aprender durante todo aquele mês de Agosto, que mais lhes pareceu uma semana. Muita coisa aprenderam elas com a irmã Alina Candeias, que nunca haviam sonhado.

Que hajam mais, muitos mais cursos como este, foi o pedido que todas fizeram, e que o próximo seja já para o ano que vem!

Guilherme de Almeida

no da redenção. Então, nossa percepção da verdade tornar-se-á mais e mais clara, e nosso desejo de pureza de coração e clareza de pensamento mais elevado e mais santo. A alma que descansa na pura atmosfera da santa meditação será transformada pela comunhão com Deus mediante o estudo das Escrituras». — Parábolas de Jesus, págs. 59 e 60.

Quão poderosos são os sermões que nascem, crescem e amadurecem no silêncio da meditação! Cristo Jesus, após passar uma noite meditando, pronunciou perante uma multidão extasiada o magistral sermão das Bem-aventuranças. Com efeito, os sermões que agitam o pecador, conduzindo-o a Cristo, são aqueles que se inspiram nos momentos de silenciosa reflexão.

Entretanto, não nos olvidemos de que só é proveitosa a meditação que estimula à acção. Confinados dentro dos muros de legendários mosteiros encontram-se místicos que se entregam à contemplação ociosa, à meditação estéril, que nada realiza em benefício dos homens.

David, o inspirado cantor de Israel, após uns instantes de feliz recolhimento, sentenciou: «Enquanto eu meditava, um fogo acendeu-se-me no coração». (Salmo 39:3). Eis o resultado da meditação útil. E' o fogo que abrasa. E' o calor que estimula à realização.

Foi no solene silêncio das montanhas de Midiã que Moisés foi plasmado para a missão histórica que a Providência lhe revelou.

Da rude simplicidade do deserto, após um feliz e abençoado estágio com Deus, saiu João Batista, abalando a Judéia com o seu verbo poderoso e vibrante.

Lutero, o incansável reformador, antes de lançar os fundamentos de sua notável obra, quedou-se enclaustrado no mosteiro de Erfurth e, após, no castelo de Wartburgo, dedicando-se à leitura da Bíblia, e à meditação.

Paulo, o legionário da cruz, na placidez parda das dunas da Transjordânia, a sós com Deus, orando e meditando, esvaziou o coração das tradições e preconceitos judaicos, preparando-se para levar às nações gentílicas as realidades do Evangelho.

Sim, no remanso dos ermos, no silêncio da meditação, Deus preparou estes apóstolos da verdade. E que notável obra realizaram eles!

Consagremos, pois, um tempo para estas proveitosas audiências com Deus. «Bom seria — diz a mensageira de Deus — passar cada dia uma hora de reflexão, recapitulando a vida de Jesus da manjedora ao Calvário. Devemos tomá-la, ponto, por ponto, deixando que a imaginação se apodere vividamente de cada cena, em particular das cenas finais da Sua vida terrestre». — Test. Vol. 1, pág. 515.

Eliminando todo o pensamento mundano, dediquemo-nos à meditação e, no silêncio de nossas reflexões, ouviremos à voz terna e suave de Deus, concitando-nos à luta em busca dos perdidos pelos quais Cristo morreu. — *Enoch de Oliveira.*